

# Enfermagem no Cuidado de Crianças com Transtorno de Espectro Autista

## Nursing in the Care of Children with Autism Spectrum Disorder

### Enfermería en el Cuidado de Niños con Trastorno del Espectro Autista

Vitória Fonseca de Sousa<sup>1</sup>, Mikaelhe Ferreira de Abreu<sup>2</sup>, Renata de Moura Bubadué<sup>3</sup>

Como citar: Sousa, VF, Abreu MF, Bubadué RM. Enfermagem no Cuidado de Crianças com Transtorno de Espectro Autista. 2024; 13(2): 387-96. Doi: <https://doi.org/10.36239/revisa.v13.n2.p387a396>

# REVISA

1. Faculdade de Ciências e Educação Sena Aires. Valparaíso de Goiás, Goiás, Brasil.  
<https://orcid.org/0000-0003-2730-885X>

2. Faculdade de Ciências e Educação Sena Aires. Valparaíso de Goiás, Goiás, Brasil.  
<https://orcid.org/0000-0003-4437-7152>

3. Faculdade de Ciências e Educação Sena Aires. Valparaíso de Goiás, Goiás, Brasil.  
<https://orcid.org/0000-0001-8121-1069>

Recebido: 17/01/2024  
Aprovado: 19/03/2024

#### RESUMO

**Objetivo:** Descrever o cuidado de Enfermagem à criança com TEA e sua família. **Método:** Trata-se de uma revisão de literatura narrativa. Os artigos foram pesquisados nas bases de dados Scielo, Lilacs e Google Acadêmico. Foram utilizadas como palavras-chave: crianças, cuidado, e enfermagem Transtorno de Espectro Autista. **Resultados:** as competências e habilidades dos profissionais de Enfermagem no ambiente hospitalar vislumbram a importância da empatia, imbuído em uma visão holística para o cuidado com a criança autista. É necessário apresentar diferentes estratégias para o trato com a criança autista em suas necessidades hospitalares e assim propor o desenvolvimento de pesquisas clínicas para o aprimoramento da temática e futura usualidade no espaço hospitalar. **Conclusão:** Conclui-se que a enfermagem em seu papel interventivo urge por responsabilidade no que tange ao diagnóstico precoce do autismo. A ligação entre o enfermeiro, a criança autista e seus familiares é de suma importância para que a escuta seja qualificada e a prestação de assistência diferenciada. **Descritores:** Crianças; Cuidado de Enfermagem; Transtorno de Espectro Autista.

#### ABSTRACT

**Objective:** Descrever o cuidado de Enfermagem à criança com TEA e sua família. **Method:** This is a narrative literature review. The articles were searched in the Scielo, Lilacs and Google Academic databases. The following keywords were used: children, care, and autism spectrum disorder nursing. **Results:** The competencies and skills of nursing professionals in the hospital environment emphasize the importance of empathy, imbued with a holistic view of caring for autistic children. It is necessary to present different strategies for dealing with autistic children in their hospital needs and thus propose the development of clinical research for the improvement of the theme and future use in the hospital space. **Conclusion:** It is concluded that nursing, in its interventional role, urges for responsibility regarding the early diagnosis of autism. The link between nurses, autistic children and their families is of utmost importance for the listening to be qualified and the provision of differentiated assistance. **Descriptors:** Children; Nursing Care; Autistic Spectrum Disorder.

#### RESUMEN

**Objetivo:** Desvelar el cuidado de la salud del niño con TEA y su familia. **Método:** Se trata de una revisión bibliográfica narrativa. Los artículos se han buscado en las bases de datos Scielo, Lilacs y Google Acadêmico. Se utilizaron como palabras clave: niños, cuidado, y enfermedad. **Resultados:** las competencias y habilidades de los profesionales de la enfermería en el entorno hospitalario ponen de manifiesto la importancia de la empatía, imbuida en una visión holística para el cuidado de los niños autistas. Es necesario presentar diferentes estrategias para el trato con el niño autista en sus necesidades hospitalarias y así proporcionar el desarrollo de investigaciones clínicas para el aprendizaje de la temática y la futura habitualidad en el espacio hospitalario. **Conclusión:** Se concluye que la enfermería en su papel intervencionista insta a la responsabilidad en cuanto al diagnóstico precoz del autismo. El vínculo entre el personal de enfermería, los niños autistas y sus familias es de suma importancia para que la escucha sea cualificada y la prestación de asistencia diferenciada. **Descriptor:** Los niños; Atención en Enfermería; Trastorno del espectro autista.

REVISÃO

## Introdução

O cuidado à criança com TEA e sua família é um fenômeno complexo, que exige preparo da equipe de Enfermagem em seus diversos cenários (hospital, ambulatório e atenção primária). A criança com TEA demanda cuidados de saúde, os quais incluem o acesso à informação e orientação acerca do entendimento de sua condição de saúde, até mesmo em relação ao prognóstico. A demanda de comportamentos atípicos e agressividade são frequentes reclamações.<sup>1</sup>

Alguns comportamentos físicos como a estimulação inapropriada do corpo, o bater das mãos, o cheirar e tocar qualquer objeto, principalmente na rua, girar e olhar fixamente para as mãos, o não saber mastigar ou conseguir ficar sentadas são situações que necessitam de um olhar específico acerca do todo.

O atendimento da criança autista tem nuances peculiares como a preservação e o respeito às mudanças de comportamento e o desenvolvimento do TEA. Por meio das observações comportamentais que são realizadas durante as consultas, é perceptível a necessidade de ajuda aos familiares quanto à tratativa dos desafios, e necessidade de atenção, identificando as fragilidades de todos os envolvidos no processo saúde e doença.<sup>2</sup>

O presente estudo se justifica tendo em vista que, embora não existam estudos estatísticos sobre a quantidade de crianças com TEA no Brasil, o único estudo-piloto de 2011 aponta que há uma criança com TEA a cada 367 crianças. Já segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), em todo o mundo, uma em cada 160 crianças vive com essa condição de saúde. O Ministério da Saúde (MS) já prevê em sua base legal, uma linha de cuidado para atenção às pessoas com transtorno do espectro autista, bem como a suas famílias na rede de atenção no documento intitulado “Sistematização da Assistência de Enfermagem a criança autista na unidade hospitalar” publicado em 2013. Embora existam algumas revisões de literatura já publicadas acerca da temática, o estudo não se esgota, uma vez que ainda se faz necessário ressaltar a importância de uma legislação forte e eficiente que possa vir a preencher as lacunas dessa demanda social de ordem pública.<sup>3</sup>

O presente estudo trata da abordagem da Enfermagem no cuidado com crianças com Transtorno de Espectro Autista (TEA) e objetiva descrever o cuidado de Enfermagem à criança com TEA e sua família.

Diante desse contexto, o problema de pesquisa em pauta foi o seguinte: de qual modo a enfermagem deve atuar no cuidado com crianças com Transtorno de Espectro Autista (TEA) nas unidades hospitalares?

## Método

O estudo se desenha na perspectiva da Revisão de literatura, que de acordo com Gil (2002) refere-se a “uma análise metódica e ampla das publicações correntes em uma determinada área do conhecimento”. A pesquisa foi realizada entre os dias 16 e 30 de abril do corrente ano, por meio da utilização das seguintes palavras-chave: Crianças. Cuidado. Enfermagem. Transtorno de Espectro Autista. As bases utilizadas para a pesquisa foram a Scielo, Lilacs e o Google Acadêmico.

Foram incluídos apenas estudos em Língua Portuguesa, a partir do ano de 2012, tendo em vista a existência do marco legal acerca da TEA no Brasil, por meio da Lei Nº 12.764/2012.

Foram excluídos os estudos em sem autoria declarada e que de algum modo não apresentavam a atuação da Enfermagem no Cuidado de Crianças com Espectro Autista.

A coleta ocorreu entre os meses de fevereiro e maio de 2023 nas bases de dados Scielo, Lilacs, Google Acadêmico e Pubmed. De acordo com Pereira e Galvão (2014), o quadro de extração de dados é um processo que agrega as informações dos estudos selecionados e evita o retorno frequente ao texto dos artigos. Sistematizam a escolha dos artigos em consonância com os objetivos propostos de acordo com a temática. A seleção é realizada com bases que disponibilizam os textos e aplicados os critérios de inclusão e exclusão, de acordo com a proposta do estudo.

De posse dos artigos selecionados, elaborou-se, para facilitar a avaliação e a análise dos dados, um instrumento que pudesse fornecer informações detalhadas dos estudos (Quadro 1). As variáveis de identificação foram as seguintes: Título, autores, objetivos, métodos, conclusão e ano de publicação.

## Resultados e Discussão

**Quadro 1-** Distribuição dos artigos de acordo com o ano de publicação, autor(es), título, delineamento e resultados. Brasília, Distrito Federal. 2023.

Id	Título/Autor	País	Tipo de Estudo	Instrumentos	Resultados	Conclusão
A1	Sena, R; Medeiros, R; Silva, G; Sobreira, M. 2015. <b>Prática e conhecimento dos enfermeiros sobre o autismo infantil.</b>	Brasil	Qualitativo	Pesquisa exploratória, com abordagem qualitativa, composta por 15 enfermeiros. Utilizou-se a entrevista semiestruturada. A análise de dados deu-se através da análise representacional, aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (CEP/UERN nº 124/11).	Evidenciou-se insegurança e fragilidade no conhecimento dos enfermeiros sobre transtorno autístico em virtude de não terem conseguido definir autismo nem demonstrado vivência com pessoas autistas e relaram a inexistência de capacitações voltadas para o tema exposto.	Constatou-se déficit de conhecimento dos enfermeiros acerca do autismo infantil e inexistência de intervenções práticas realizadas com pessoas autistas e seus familiares, além da não oferta de capacitações que abordem o assunto.
A2	Dartora, D; Mendieta, M; Franchini, B. <b>A equipe de enfermagem e as crianças autistas.</b> Universidad e Federal de Pelotas. 2014.	Brasil	Qualitativa	Pesquisa qualitativa, descritiva e exploratória. Os participantes do estudo foram seis profissionais da equipe de enfermagem. A coleta de dados ocorreu em Janeiro de 2014, por meio de entrevista semiestruturada. A análise dos dados foi realizada a partir da análise temática de Minayo, a qual permitiu identificar três temas: visão dos	Observou-se que há inculido em cada profissional uma visão limitada sobre crianças autistas, por vezes preconceituosas. O conhecimento empírico sobrepôs-se ao científico e com isso a assistência às crianças com autismo mostrou-se fragilizada.	A busca pelo conhecimento deve estar intrínseca em cada profissional, para assim, contribuir com uma assistência mais qualificada.

				profissionais de enfermagem sobre o autismo; equipe de Enfermagem: medo ou dúvida; fatores que interferem na assistência à criança autista.		
A3	Carniel, E; Saldanha, L; Fensterseifer, L. <b>A atuação do enfermeiro frente à criança autista.</b> 2014.	Brasil	Qualitativo	Revisão da literatura utilizando as bases de dados das plataformas, LILACS, Google Acadêmico, Bireme, além de livros. Foram selecionados artigos a partir de 2007 a 2020 com temas relacionados à atuação da enfermagem frente ao autismo infantil. Sendo os resultados apresentados de forma descritiva.	Sendo os resultados apresentados de forma descritiva. O enfermeiro é a base do processo de diagnóstico do autismo, ele atende os sinais e sintomas do autismo, cuida bem das crianças e seus familiares, incentiva e entrega segurança e tranquilidade a todos. Vale lembrar que o tratamento do autismo precisa estar alinhado com a equipe	A relação do enfermeiro com o paciente com autismo é muito importante, pois muitas vezes os pacientes apresentam dificuldades na expressão oral, o que exige do enfermeiro uma observação cuidadosa, uma escuta e uma ajuda diferenciada. É preciso ir além do que se vê holisticamente, pois saber que cuidar é cuidar e prestar atenção ao outro é a essência da vida humana.

A discussão que se segue aborda, em um primeiro momento, as nuances epistemológicas do Transtorno do Espectro Autista, em um cenário de versos e reversos acerca de sua existência e materialidade. Outrossim, apresenta uma reflexão acerca das ações dos Enfermeiros em observância ao caráter multidimensional da saúde, como vislumbre de mola propulsora no processo de atendimento às crianças com TEA.

### **Crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA)**

A doença conhecida, antigamente, como Autismo inclui ainda, a síndrome de Asperger e outros distúrbios do desenvolvimento não categorizados pela Associação Americana de Psiquiatria. Para tanto, foi introduzida a nomenclatura Transtorno de Espectro Autismo (TEA) como forma de facilitar o estudo dessas doenças que tem características em comum. O TEA, se refere, portanto, a um transtorno que atinge muitas crianças e implica na redução ou anulação total de interação social e desenvolvimento infantil e deve ser amenizado por meio de intervenções terapêuticas, uma vez que não tem cura. O TEA tem seu início de apresentação antes mesmo dos três anos de idade e possui variância entre menor e maior intensidade, sendo uma manifestação clínica de um processo atípico que prejudica o desenvolvimento de forma global, atingindo a experiência subjetiva, os processos cognitivos, a linguagem e o comportamento como um todo.<sup>4</sup>

O transtorno do desenvolvimento de uma criança com TEA não se refere apenas a um atraso ou uma interrupção do processo normal de desenvolvimento, embora estes possam estar presentes também, mas a manifestação clínica de um processo atípico e prejudicial do desenvolvimento. Assim, o diagnóstico de TEA baseia-se no quadro clínico apresentado pela criança. Vale ressaltar que não existem exames ou testes específicos, mas o eletroencefalograma pode ser um norte no diagnóstico, bem como as anomalias metabólicas, a exemplo do nível de serotonina no sangue.<sup>5</sup>

A equipe multidisciplinar que tem em seu corpo, a Enfermagem pode auxiliar no diagnóstico desse distúrbio do desenvolvimento, bem como analisar e estudar cada caso em sua particularidade de forma conjunta, para que se tenha efetividade nas ações, de forma detalhada e esclarecedora, com vistas a traçar o perfil médico, cognitivo e adaptativo das crianças e realizar os encaminhamentos necessários. Logo, a criança autista necessita de um acompanhamento multidisciplinar para que ações de bem-estar sejam projetadas e os serviços de saúde essenciais sejam utilizados.<sup>6</sup>

O TEA é um distúrbio do comportamento que consiste em uma tríade de dificuldades, são elas: dificuldade de comunicação, dificuldade de socialização e dificuldade no uso da imaginação. Assim, o desenvolvimento da criança não pode deixar de ser estimulado, ainda que estas apresentem inúmeras dificuldades comportamentais, de fala e comunicação, expressão de sentimentos e interação. Ao contrário, deve ser direcionado maior atenção para atendimento das peculiaridades dessas crianças.<sup>7</sup>

É importante destacar que a criança com autismo deve ter acesso à saúde, com atendimento especializado, competente e habilidoso. Deve ser barrado todo e qualquer preconceito e ser contemplada uma visão social ampla de que se faz necessário o ajuste às diferenças, uma vez que cada criança é um ser único, independentemente de suas limitações. A formação continuada é de suma importância, para que os profissionais da Enfermagem revejam suas práticas e amplie o seu repertório de trabalho, por meio de ações diferenciadas e uma atividade voltado para atendimento à saúde integral mais consciente.<sup>8</sup>

O sentimento de pertencimento precisa se fazer real. Sem ele, a interação se fará possível e a convivência não será contemplada com a diversidade e respeito de forma ampla. Para o processo de inclusão ser efetivo, não se pode permitir o preconceito, às vezes velado de enfatizar as “desvantagens” das crianças autistas, por exemplo.<sup>9</sup>

O TEA compreende a observação de um conjunto de comportamentos agrupados em uma tríade principal: comprometimentos na comunicação, dificuldades na interação social e atividades restritas repetitivas. Assim, o TEA é uma síndrome comportamental, onde o indivíduo possui dificuldade nos relacionamentos interpessoais, problemas na linguagem e rotina. Considera-se um distúrbio “sem cura e severamente incapacitante”. Todavia, diferentemente do que se pensava há alguns anos, o autismo não mais inviabiliza o aprendizado da criança e elas podem ser inseridas nos ambientes sociais por meio de adaptações que possibilitem que as crianças tenham seus direitos constitucionais assegurados.<sup>8</sup>

O preconceito é uma questão de saúde que precisa ser trabalhada, direcionando a preocupação para o crescimento integral da criança. O Enfermeiro pode, de fato, ser o protagonista no processo, uma vez que irá

conduzir o processo, necessitando valorizando o potencial da criança com TEA criando estratégias facilitadoras para o atendimento integral da criança.<sup>9</sup>

Deve-se atender às dificuldades dessas crianças no aspecto da comunicação, interação, linguagem e comportamento, que são problemáticas típicas da criança com TEA, que precisa receber auxílio também psicológico, uma vez que nem todas as crianças autistas apresentam essas mesmas dificuldades, pois cada criança é um universo particular.<sup>10</sup>

### **Atuação da enfermagem com crianças com TEA**

O desfecho de qualquer prognóstico referente a uma criança autista considera três fatores: “a) a idade com a qual é diagnosticada, b) o início do tratamento e c) grau de comprometimento de aspectos como linguagem, interação social e funcionamento cognitivo. Quanto mais comprometido, pior é o prognóstico.<sup>10</sup> O Enfermeiro sem embasamento teórico, dificilmente, conseguirá auxiliar tanto a criança quanto a família, uma vez que sem essa formação fica difícil favorecer o processo de observação de sintomas e comportamentos e alcançar a qualidade de vida almejada para a criança.<sup>11</sup>

A atuação dos enfermeiros frente à criança autista e sua família é fundamental, uma vez que eles têm um importante papel socializador, de aceitação e compreensão da criança, bem como no estabelecimento de limites, orientação e apoio à família. Nessa perspectiva, a imagem típica da criança autista deve ser desconstruída, uma vez que não necessariamente todas as crianças desenvolvem os mesmos atos de se isolar, balançar o corpo, por exemplo. Esse funcionamento mental estereotipado é o senso comum, que foge do científico. O Enfermeiro, por sua vez, precisa se embasar no conhecimento técnico, científico e humanizado, para que se aguçe a percepção de tocar o desconhecido e estreitar o relacionamento com a família da criança.<sup>12</sup>

É necessário entender a importância que tem de o enfermeiro realizar o levantamento de dados, fonte importante para levantar os diagnósticos de enfermagem e prescrever as intervenções necessárias.<sup>12</sup> Assim, é importante ressaltar que o TEA apresenta graus variados de comprometimento, desde um autismo leve, caracterizado por ter um “alto funcionamento” e geralmente não impedir que a pessoa tenha uma vida relativamente normal e produtiva, até graus severos, em que há muito comprometimento das funções cognitivas, da comunicação e dos comportamentos.<sup>13</sup>

As dúvidas quanto a sinais e sintomas da doença geram incertezas e medos que acabam prejudicando a atuação dos profissionais para com as crianças autistas. De todos os profissionais da saúde envolvidos na assistência, ao enfermeiro cabe o grande papel de humanização. A presença humanizada e quem cuida poderá representar ao profissional de saúde a certeza de ter promovido, dentro de suas possibilidades, uma melhor qualidade de vida e de bem-estar àquele que estava temporariamente sob seus cuidados.<sup>14</sup>

O atendimento à família é tão importante quanto para a criança e diante desse cenário, os Enfermeiros precisam criar estratégias de intervenção que possibilitem a estas mulheres serem escutadas, trocarem experiências, compartilhem dor, sofrimento, para que de alguma forma tentem amenizar suas angústias e incertezas.<sup>15</sup> vale considerar a seguinte reflexão:

Além da criança autista que precisa ser devidamente assistida, deve-se olhar atentamente para a família, principalmente a mãe, já que é ela quem assume as maiores responsabilidades no que se refere aos cuidados. Diante disso, cabe aos profissionais. O acolhimento e a orientação para as famílias são fundamentais para que elas deixem de lado crenças errôneas, e não se desgastem com culpas desnecessárias e sem propósitos. Cuidar dos familiares, especialmente das mães, é tão importante quanto cuidar das próprias crianças.<sup>12</sup>

O TEA é um dos transtornos invasivos do desenvolvimento mais conhecidos, dentre estes se encontram várias patologias que, juntas, formam um *continuum autístico* podendo variar desde condições que guardam peremptoriamente o retardo mental às condições que não estão associadas a síndrome de Asperger". A criança com TEA apresenta uma tríade singular, a qual se caracteriza pela dificuldade e prejuízos qualitativos da comunicação verbal e não verbal, na interatividade social e na restrição do seu ciclo de atividades e interesses.<sup>5</sup> Os níveis de gravidade são:

Nível 1 (leve) - Exige apoio Comunicação social: Na ausência de apoio, déficits na comunicação social causam prejuízos notáveis. Dificuldade para iniciar interações sociais e exemplos claros de respostas atípicas ou sem sucesso a aberturas sociais dos outros. Pode parecer apresentar interesse reduzido por interações sociais. Por exemplo, uma pessoa que consegue falar frases completas e envolver-se na comunicação, embora apresente falhas na conversação com os outros e cujas tentativas de fazer amizades são estranhas e comumente malsucedidas. Comportamentos restritos e repetitivos: Inflexibilidade de comportamento causa interferência significativa no funcionamento em um ou mais contextos. Dificuldade em trocar de atividade. Problemas para organização e planejamento são obstáculos à independência. Nível 2 (moderado) - Exige apoio substancial Comunicação social: Déficit graves nas habilidades de comunicação social verbal e não verbal; prejuízos sociais aparentes mesmo na presença de apoio; limitação em dar início a interações sociais e resposta reduzida ou anormal a aberturas sociais que partem de outros. Por exemplo, uma pessoa que fala frases simples, cuja interação se limita a interesses especiais reduzidos e que apresenta comunicação não verbal acentuadamente estranha. Comportamentos restritos e repetitivos: Inflexibilidade do comportamento, dificuldade de lidar com a mudança ou outros comportamentos restritos/repetitivos aparecem com frequência suficiente para serem óbvios ao observador casual e interferem no funcionamento em uma variedade de contextos. Sofrimento e/ou dificuldade de mudar o foco ou as ações. Nível 3 (grave) - Exige apoio muito substancial Comunicação social: Déficit graves nas habilidades de comunicação social verbal e não verbal causam prejuízos graves de funcionamento, grande limitação em dar início a interações sociais e resposta mínima a aberturas sociais que partem de outros. Por exemplo, uma pessoa com fala inteligível de poucas palavras que raramente inicia as interações e, quando o faz, tem abordagens incomuns apenas para satisfazer as necessidades e reage somente a abordagens sociais muito diretas. Comportamentos restritos e repetitivos: Inflexibilidade de comportamento, extrema dificuldade em lidar com a mudança ou outros comportamentos restritos/repetitivos interferem acentuadamente no funcionamento em todas as esferas. Grande sofrimento / dificuldade para mudar o foco ou as ações.<sup>16</sup>

As características específicas associadas ao grau de severidade precisam ser observadas com atenção. O papel do enfermeiro, portanto, é relevante e serve como ponte de comunicação efetiva entre a equipe médica e a família, que nunca deverá ser renegada.<sup>17</sup> O profissional deverá ter “uma postura ética e humana, além de ser claro, conciso e disponível a perguntas dos familiares. É importante esclarecer que os cuidados serão compartilhados entre o profissional e a equipe responsável pelo tratamento com a família”.<sup>18</sup> Há pouca informação quanto a dar assistência de enfermagem aos portadores de autismo e aos familiares.

Analisar nas entrelinhas e com um olhar técnico e humano proporciona: ajudar o paciente a desenvolver o senso de autoestima e autocuidado; estimular sua capacidade de relacionar-se com os outros, dando ênfase na construção de laços inter-relacionais com toda a equipe multiprofissional; ajudá-lo a confiar nas pessoas; ajudá-lo a voltar à comunidade com mais maturidade e preparado para o trabalho e para a vida, acolhendo-o de forma integralizada, respeitando seus direitos legais como cidadão e pessoa com deficiência, entre outros.

## Conclusão

Dentre os achados dessa pesquisa, foi identificado que a enfermagem tem papel fundamental no cuidado das crianças com TEA, principalmente deve suas competências e habilidades que devem ser práticas no ambiente hospitalar; vislumbrando a importância da empatia, da visão holística para o cuidado com a criança.

A enfermagem tem como desafios apresentar diferentes estratégias para o trato com a criança com TEA em suas necessidades hospitalares. Deve compreender o lócus das dificuldades na prática clínica e aprimorar a usabilidade no espaço hospitalar.

Esta revisão de literatura confirmou que um dos desafios da enfermagem nos casos de tratamentos de TEA, é encontrar meios de viabilizar o atendimento priorizando os aspectos relacionados à socialização infantil e ao seu desenvolvimento cognitivo e emocional.

A pesquisa ressalta sobre a importância da família no processo dos cuidados da criança com TEA, também foi considerado o papel da enfermagem, dentro do contexto referente a atuação da desse profissional com intuito de evitar agravamentos sociais dos casos de crianças com TEA.

Conclui-se que a enfermagem em seu papel interventivo urge por responsabilidade no que tange ao diagnóstico precoce do autismo. A ligação entre o enfermeiro, a criança autista e seus familiares é de suma importância para que a escuta seja qualificada e a prestação de assistência diferenciada.

## Agradecimento

Esse estudo foi financiado pelos próprios autores.

## Referências

1. Fávero-Nunes MA, Santos MA. Depressão e qualidade de vida em mães de crianças com transtornos invasivos do desenvolvimento. *Revista Latino-América de Enfermagem* 18(1). Jan – fev 2010.
2. Sena R, Medeiros R, Silva G, Sobreira M. Prática e conhecimento dos enfermeiros sobre o autismo infantil. 2015.
3. Camargo SPH, Rispoli M. Análise do comportamento aplicada como intervenção para o autismo: definição, características e pressupostos filosóficos. *Revista Educação Especial, Santa Maria*, v. 26, n. 47, p. 639-650, set./dez. 2013.
4. Santos SA. Transtornos Globais do Desenvolvimento TGD procedimentos e encaminhamentos. Departamento de Educação Especial Diretoria de políticas e tecnologias educacionais. Curitiba ,2016.
5. Brasil. Ministério da Saúde. Departamento de Atenção Especializada e Temática. Linha de cuidado para a atenção às pessoas com transtornos do espectro do autismo e suas famílias na Rede de Atenção Psicossocial do Sistema Único de Saúde / Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde, Departamento de Atenção Especializada e Temática. – Brasília: Ministério da Saúde, 2015.
6. Mercadante MT, Gaag RJV, Schwartzman JS. Transtornos invasivos do desenvolvimento não-autísticos: Síndrome de Rett, transtorno desintegrativo da infância e transtornos invasivos do desenvolvimento sem outra especificação. *Revista Brasileira de Psiquiatria*, 28(supl. I), S12-S20. 2006.
7. Mello AMSR. Autismo: guia prático. 5 ed. São Paulo: AMA. Brasília: CORDE, 2007.
8. Cunha E. Autismo e incluso: psicopedagogia práticas educativas na escola e na família/ Eugênio Cunha. Rio de Janeiro: Wak Ed., 2009.
9. Batista, MSB et al. Relatos de experiência de saberes profissionais, Interdisciplinares e transversais na área da Saúde. 1. ed. Aracaju, SE: Criação Editora, 2022.
10. Klin A. Autismo e síndrome de Asperger: uma visão geral. Yale University School of Medicine. USA, 2006.
11. Carniel E, Saldanha L, Fensterseifer L. A atuação do enfermeiro frente à criança autista. 2014.
12. Dartora D, Mendieta M, Franchini B. A equipe de enfermagem e as crianças autistas. Universidade Federal de Pelotas. 2014.
13. Velloso R, Duarte C, Schwartzman J. Evaluation of the theory of mind in autism spectrum disorders with the Strange Stories. *Arq. neuro psiquiat.* 2013.
14. Barbosa C, Couto F, Gomes R, Emmerick V, Xavier Z. Atuação do

enfermeiro frente aos modelos substitutivos no tratamento aos portadores de transtornos mentais. *Littera Docente & Discente em revista*. 2012.

15. Smeha L, Cezar P. A vivência da maternidade de mães de crianças com autismo. *Psicol estud*. 2011.

16. Da Silva Mesquita, Égila Thalia et al. A assistência de enfermagem prestada à criança autista. *Saúde em Foco: Temas Contemporâneos - Volume 1*, 2017.

17. Schmidt C, Bosa C. A investigação do impacto do autismo na família: revisão crítica da literatura e proposta de um modelo. *Interação psicol*. 2003.

18. Silva MMC. Diagnosticando o transtorno autista: Aspectos fundamentais e considerações práticas. *Psicologia: Ciência e Profissão*, Brasília, DF, v. 29, n. 1, p. 116-131, 2009.

**Autor de correspondência**

Vitória Fonseca de Sousa

Rua Acre, Quadra 02. Lotes 17/18 s/n. CEP: 72876-241- Setor de Chácaras. Valparaíso de , Goiás, Brasil.

[vitoria.sousa127viih@gmail.com](mailto:vitoria.sousa127viih@gmail.com)